



**Em bar ou parque, o que vale é torcer!**  
Opções não faltam para quem quer torcer pelo Brasil fora de casa. Há espaço para várias tribos e bolsos. ■ PÁG. 7

# Dia a dia

AJ22014

**Crimes em Vitória.** Delegado descarta a possibilidade de existir grupo de extermínio dessa população

## Moradores de rua: uso de drogas aumenta e mortes também

**Em seis meses, foram 12 assassinatos de pessoas em situação de abandono, na Capital**

**ANNY GIACOMIN**  
agiacomin@redgazeta.com.br

■ O perfil dos moradores de rua da Capital está mudando. O abuso do álcool e das drogas - principalmente o crack - tem sido cada vez mais frequente. E, na mesma proporção, tem aumentado a violência contra esse tipo de população. Somente neste ano, foram registradas 12 mortes de moradores de rua e flanelinhas em Vitória, o que representa a média de dois crimes por mês.

Muitas dessas mortes, segundo o delegado Orly Fraga Filho, titular da Delegacia de Crimes contra a Vida da Capital, foram motivadas por envolvimento das vítimas com o tráfico de drogas. "A maioria das pessoas que estão nas ruas hoje é de dependentes químicos. E muitos dos crimes foram praticados na Vila Rubim e na Ilha do Príncipe, locais conhecidos como cracolândia", ressaltou Fraga Filho.

Quando não na região central da cidade, os homicídios são praticados em bairros de classe média-alta, como Praia do Canto, Jardim da Penha e Jardim Camburi. Nesses locais, em que as pessoas têm um poder aquisitivo maior, os moradores de rua costumam se



**SEM MEDO.** Antonio Galdino e Reinaldo Gomes, que atualmente moram no Sambão do Povo, afirmam que nunca foram ameaçados

## Tranquilidade, apesar da violência

**Moradores dizem que crimes são praticados contra quem se envolve com "coisas erradas"**

A GAZETA, por exemplo, chegou a ser ameaçada quando tentava se aproximar de um grupo, que vive nas dependências do Sambão do Povo.

Os amigos Reinaldo e Antô-

"É claro que nossa realidade não é das melhores, mas sempre trabalhei para conseguir as coisas. Ninguém nunca me ameaçou, mexeu comigo.

Mas vemos, de vez em quando, que tem gente que mexe com coisa errada, e depois as pessoas vêm aqui procurar, cobrar", contou Gaudino.

### Perfil do grupo

Quem são os moradores de rua da Capital

#### PERFIL

Entre fevereiro e março deste ano, cerca de 150 moradores de rua foram abordados pela Prefeitura de Vitória. Desses, 75% eram homens. Em abril, foram abordadas 160 pessoas

#### ONDE FICAM

A maioria (72%) dorme na rua e em locais como rodoviárias e albergues

#### MAIOR CONCENTRAÇÃO

A maior parte dos moradores de rua vive em bairros que têm grande rede de comércio, como Praia do Canto, Jardim da Penha e Jardim Camburi, além da região do Centro, Vila Rubim e Ilha do Príncipe, chamada por eles de "cracolândia"

#### SEM LAR

Cerca de 10% dos abordados ainda afirmaram "ser da rua", por viverem nela há um longo período, principalmente devido ao uso de álcool e de outras drogas

cais conhecidos como cracolândia”, ressaltou Fraga Filho.

Quando não na região central da cidade, os homicídios são praticados em bairros de classe média-alta, como Praia do Canto, Jardim da Penha e Jardim Camburi. Nesses locais, em que as pessoas têm um poder aquisitivo maior, os moradores de rua costumam se abrigar e conseguir comida.

#### ARMAS

Outro dado que chama atenção é a maneira como os moradores de rua vêm sendo mortos: em seis das 12 ocorrências registradas em Vitória neste ano foram usadas arma de fogo. “Isso não é muito comum, o que reforça a hipótese de que há ‘soldados’ do tráfico envolvidos nisso”, frisa o delegado.

Em outros casos, as armas de fogo são deixadas de lado, e as mortes são a facadas, a pauladas ou a pedradas, como aconteceu no caso do assassinato de um flanelinha da Praia do Canto, recentemente. Geralmente, armas desse tipo são utilizadas em crimes ocasionados pela briga por pontos de atuação ou até mesmo em brigas entre os próprios moradores de rua.

O que mais chama a atenção do delegado é o fato de que os moradores de rua estão expostos a toda essa violência. “Eles vivem bebendo, utilizando entorpecentes. Não têm perspectiva para viver melhor. Na rua, acabam se ambientando e construindo uma nova família”, diz.

Fraga Filho, no entanto, descarta a possibilidade de existir um grupo de extermínio desse tipo de população. Ele não acredita que haja quadrilhas específicas com esse objetivo, mas afirma que realmente há pessoas envolvidas com o tráfico e outras que cobram dos andarilhos e flanelinhas as dívidas relacionadas a drogas.

#### Violência

### 15,3% dos homicídios

Essa é a porcentagem correspondente ao número de moradores de rua assassinados em Vitória somente em 2010. Até ontem, foram registrados na Capital 8 homicídios. Desses, 12 tiveram como vítimas moradores de rua e flanelinhas.

# Tranquilidade, apesar da violência

## Moradores dizem que crimes são praticados contra quem se envolve com “coisas erradas”

Apesar dos números confirmarem o aumento da violência contra moradores de rua e flanelinhas em Vitória, eles não se sentem ameaçados. Segundo o mineiro Reinaldo Gomes da Silva, e o baiano Antônio Gaudino dos Santos, ambos de 31 anos, as situações violentas só acontecem contra quem tem envolvimento com o tráfico de drogas.

Mesmo assim, alguns moradores oferecem certa resistência à aproximação. A equipe de

A GAZETA, por exemplo, chegou a ser ameaçada quando tentava se aproximar de um grupo, que vive nas dependências do Sambão do Povo.

Os amigos Reinaldo e Antônio também moram no local, com mais oito pessoas. Além de serem de outro Estado e de terem a mesma idade, eles têm em comum o fato de terem abandonado a família para viajar em busca de emprego e de oportunidades melhores de vida.

A amizade desde que chegaram ao Espírito Santo é tanta que eles preparam um novo desafio: planejam juntar dinheiro para mudarem para outra cidade. E não se importam de sair pedindo ajuda para alcançarem seus objetivos.

“É claro que nossa realidade não é das melhores, mas sempre trabalhei para conseguir as coisas. Ninguém nunca me ameaçou, mexeu comigo.

Mas vemos, de vez em quando, que tem gente que mexe com coisa errada, e depois as pessoas vêm aqui procurar, cobrar”, contou Gaudino.

## “Quanto mais tempo na rua, mais difícil é sair dela”

Além de oferecer abrigos para os moradores de rua, a Prefeitura de Vitória também fornece passagens para que os migrantes possam voltar às suas cidades de origem. “Mas quanto mais tempo a pessoa permanece na rua mais difícil fica de sair

dessa situação. Morar na rua é um processo, tem toda uma trajetória. E geralmente ela está marcada pela perda de um emprego e de vínculos familiares. Quando a pessoa chega à rua, há um ‘acolhimento’, uma solidariedade de quem já está nessa situação. Assim a pessoa cria uma nova identidade”, explicou Gilderlândia Silva, da Gerência de Atenção aos Migrantes e População em Situação de Rua.

“cracolândia”

#### SEM LAR

Cerca de 10% dos abordados ainda afirmaram “ser da rua”, por viverem nela há um longo período, principalmente devido ao uso de álcool e de outras drogas

#### DROGAS

Uma média de 70% dos abordados afirmou usar algum tipo de droga

#### MAIS USADOS

O crack é consumido por 41% desses usuários que moram nas ruas. O álcool ainda é o mais usado: 92% consomem a bebida alcoólica. A maconha é consumida por 29%; e 68% fumam cigarro

## Comerciantes e moradores apostam no fim da esmola

Preocupados com a situação dos moradores de rua e com a atuação dos flanelinhas, os moradores e comerciantes da Praia do Canto, em Vitória, aguardam, ansiosos, o projeto “Não dê Esmolas”, que será lançado pela prefeitura.

De acordo com o secretário da Associação de Moradores do bairro, Ronaldo Lyrio Rocha, a preocupação é tanto com o aspecto humano quanto com o incômodo causado pela população de rua.

“Nos preocupamos com a situação desses moradores, principalmente com a chegada do frio, mas também queremos acabar com os transtornos que eles causam. Além de atraírem o tráfico, eles são protagonistas de cenas de sexo no meio da rua”, destacou Lyrio Rocha.

Para o presidente da Associação Comercial da Praia do Canto, Carlos Eduardo Sardenberg, o bairro não pode virar dormitório de moradores de rua, o que já está acontecendo. “Muitos comerciantes reclamam que essas pessoas fazem das marquises suas casas. Tem gente que urina na rua, deixa restos de comida, tumultuando o ambiente. A prefeitura tem que ver isso”, disse.

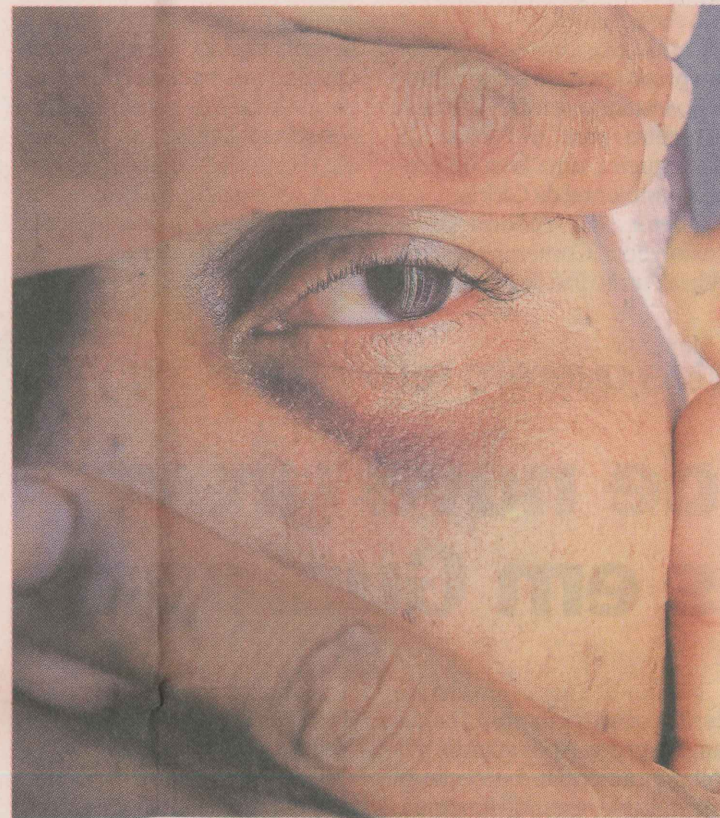
## Polícia investiga casos de atentados e agressões

### Na quinta, morador de rua foi baleado; criminosos queriam matar outro rapaz, que devia R\$ 80 em drogas

Além das mortes de moradores de rua e flanelinhas, a polícia registra muitos casos de agressões e tentativas de homicídio contra eles. Na última quinta-feira, por exemplo, um morador de rua foi baleado na Vila Rubim, em Vitória. Ele, no entanto, não era o alvo dos criminosos. A intenção deles era matar outro rapaz que estava no mesmo lugar por causa de uma dívida de R\$ 80,00 com traficantes.

Ontem, foi a vez de um flanelinha de 30 anos ir à polícia para denunciar uma agressão sofrida na terça-feira. O rapaz – que atua próximo à Praça dos Namorados, na Capital, há 17 anos – alega que seis homens armados o obrigaram a entrar em uma Parati logo após o jogo do Brasil, dizendo que ele havia roubado um carro no local dias antes.

“Eles falavam que iam me matar a toda hora. Fiquei com o revólver apontado na minha cabeça, depois fui agredido com vários socos. Fiquei tão ruim que não conseguia andar.



DENÚNCIA. Flanelinha afirmou ter sido agredido em Vitória

Iam me matar mesmo. Mas acho que eles me confundiram. Nunca roubei carro nenhum”, destacou o flanelinha.

De acordo com a vítima, ela só conseguiu escapar depois que conseguiu pular do carro e

sair correndo. O delegado Orly Fraga Filho informou que a polícia já está investigando o caso e que não houve registros de roubo de carro no local. O flanelinha seria submetido a exames de lesões ontem.

## Jovem morta há sete dias teria dívida com tráfico

O último caso registrado de morte de morador de rua aconteceu na madrugada do último sábado, quando um vigilante matou uma mulher e baleou outra em uma escadaria, na Vila Rubim, na Capital.

Liliane da Conceição Silva tinha 23 anos. A princípio, a moça foi apontada pelo autor dos dois tiros que a mataram como uma assaltante. Mas a polícia mudou a linha de investigação nesta semana.

De acordo com o delegado Orly Fraga Filho, titular da Delegacia de Crimes Contra a Vida de Vitória, a polícia acredita que o crime tenha como motivação alguma dívida relacionada ao tráfico de drogas.

“Ela era viciada e morava nas ruas. O irmão dela esteve aqui ontem (quinta-feira) e fez o reconhecimento do corpo. Disse que por vezes tentou tirar a irmã das ruas, mas que ela sempre dava um jeito de sair novamente de casa”, explicou o delegado.

Além disso, Orly Fraga ressaltou que será investigada a hipótese de o acusado estar protegendo o outro homem que estava na hora do crime com ele. “O vigilante disse que não conhecia o homem, mas achamos que ele o está encobrindo.”